

Dominador e dominado: os abusos de poder em *S. Bernardo*

Domineering and dominated: the abuses of power in *S. Bernardo*

RESUMO

Mariliane dos Santos Dalmolin
marilianedalmolin@hotmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil

Marcos Hidemi de Lima
marcoshidemideli@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil

O presente artigo tem por objetivo analisar a relação entre Paulo Honório, narrador-personagem do romance *S. Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, e seus empregados Rosa e Marciano. Tal relação se caracteriza pelo abuso de poder por parte do protagonista, que acredita que ambos os empregados da fazenda são suas posses e, por esse motivo, tem o direito de humilhá-los e impingir-lhes constantemente violência física e simbólica. Além disso, este estudo busca evidenciar como os dois funcionários, explorados de forma humilhante pelo fazendeiro, repõem em cena, em pleno século XX, na sua condição de subjugados, as práticas escravocratas que, ao longo de séculos, perduraram no Brasil. Para a realização desta análise, emprega-se as obras de Antonio Candido, publicada em 2006, Jessé de Souza, publicada em 2017 e Roberto Reis, publicada em 1987, entre outras. Em suma, a partir das leituras e análises empreendidas em *S. Bernardo*, houve a constatação de que o vínculo entre patrão e empregado se confunde com práticas escravocratas, estabelecendo, na realidade, uma relação entre dominador e dominado, na qual quem detém o poder subjuga o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de poder. Dominação. Sociedade patriarcal.

Recebido: 19 ago. 2020.

Aprovado: 01 out. 2020.

Direito autorial: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

ABSTRACT

The present article has as its aim to analyze the relation between the first person narrator, Paulo Honório, and their employees, Rosa and Marciano, in Graciliano Ramos' novel *S. Bernardo* (1934). Such relation is defined by power abuse from the main character, whom believes that both employees from the farm are his possessions and, for this reason, he has the right of humiliating and forcing them on constant physical and symbolic abuse. Besides that, this research has the aim of making evident how both employees that are explored in such a humiliating manner by the farm are presented, in the twentieth century on their condition as subjugated as slaving practices that last through the centuries in Brazil. For this research is used the works of Antonio Candido, published in 2006, Jessé de Souza, published in 2017 and Roberto Reis, published in 1987, among others. Thus, by the readings and analysis in *S. Bernardo*, there was the conclusion that the relation between boss and employee is confused with slaving practices, establishing, after all, a relation between domineering and subdued in which who possesses the power control the other one.

KEYWORDS: Relationship of power. Domination. Patriarchal society.



INTRODUÇÃO

Publicado originalmente em 1934, *S. Bernardo* narra a história de Paulo Honório, a maneira como o protagonista se transformou numa espécie de patriarca, seu casamento com Madalena e os abusos de poder cometidos pelo coronel em relação aos empregados da fazenda, cujo nome é o título do livro. Apesar do romance se passar entre os anos de 1925 a 1930, época em que a escravidão no Brasil já havia terminado, o que se nota é que muitas práticas características desse período são utilizadas pelo narrador-protagonista, sobretudo nas relações empreendidas pelo fazendeiro com os demais personagens.

Com base nisso, o presente trabalho se propõe a analisar os abusos de poder existentes na relação entre patrão e empregado ao longo do romance de Graciliano Ramos. Nesse viés, fica evidente que na narrativa, assim como na sociedade, aqueles que detém o poder dominam os menos favorecidos. A partir disso, percebe-se que *S. Bernardo* endossa aquilo que Schwarz (2000, p. 198) descreve como “[...] as relações de verossimilhança entre a forma literária e o processo social.”. Noutras palavras, Graciliano utiliza de seus personagens para criticar a forma como a sociedade brasileira, já ingressando no processo de modernização da década de 1930, ainda mantinha costumes escravocratas, sobretudo no trato daqueles que eram obrigados a se assujeitarem diante da ínfima parcela detentora de todos os privilégios.

OS EMPREGADOS DE PAULO HONÓRIO

Em *S. Bernardo* fica evidente que Paulo Honório encara seus trabalhadores como posses, o que lhe dá o direito de humilhar e violentar seus funcionários quando bem entender, já que sua posição social lhe garante tal poder. Fica patente que o fazendeiro vislumbra os empregados da fazenda apenas pela capacidade de produção que estes podem lhe ofertar, deixando de lado qualquer sentimento de empatia por aqueles que com ele convivem. Tal ideia vai ao encontro do que Candido (2006, p.22) intitula como “máquina muscular”, repondo em circulação a mentalidade de outrora relacionada à ordem escravocrata, na qual os cativos deveriam realizar todo e qualquer serviço que o senhor ordenasse.

Nessa mesma ótica de reificar o ser humano, em seu ensaio sobre *S. Bernardo*, Lafeté (1975, p. 187) afirma que:

Medida sempre pelo mercado, a consciência humana tende progressivamente a fechar-se à compreensão dos elementos qualitativos e sensíveis da realidade. Todo valor se transforma – ilusoriamente – em valor-de-troca. E toda relação humana se transforma – destruidoramente – numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor.

A partir disso, é possível afirmar que Paulo Honório, apesar de estar ainda arraigado aos costumes patriarcais, também se baseia em princípios capitalistas para se relacionar com seus empregados. Nesse sentido, o coronel representa no romance o possuidor, enquanto Rosa e Marciano, de acordo com o protagonista, são como propriedades. Visto pelo binômio proprietário-propriedade, os funcionários do coronel não possuem nenhuma relevância para o fazendeiro, que

constantemente animaliza e violenta aqueles que para ele trabalham. Desse modo, tomando como base o que foi exposto, os tópicos seguintes se concentrarão em demonstrar as práticas abusivas utilizadas por Paulo Honório ao se relacionar com Rosa e Marciano, definidos respectivamente pelo narrador-personagem como “muito ordinária” e “molambo”, deixando claro que ambos se assemelham a escravos, seja na objetificação da figura feminina, seja na maneira como o fazendeiro constantemente avilta o companheiro de Rosa.

ROSA

No romance de Graciliano Ramos, Rosa é casada com Marciano, e ambos são funcionários de Paulo Honório. Apesar das poucas passagens que mencionam a personagem, é notório que a visão dada ao leitor a respeito da mulher se dá sob a ótica do coronel. Isso significa que, é a partir da perspectiva do dominador que o dominado é conhecido. Tal ideia vai ao encontro da afirmação de Reis (1987) que destaca que “[...] numa homologia entre ficção e realidade social, em nossa História os **fora do círculo** nunca tiveram vez, sua voz sendo ouvida no discurso do opressor.” (REIS, 1987, p. 119, grifos do autor). Noutras palavras, Reis (1987) afirma que ao empregar a verossimilhança entre a ficção e a realidade, Graciliano buscou representar sua personagem como a empregada submissa que não possuía voz diante daquele que detinha o poder, além de demonstrar que a sociedade da época ainda se fazia de acordo com o viés patriarcal, no qual cabe ao homem o domínio e a mulher a obediência.

Além disso, nota-se em *S. Bernardo* uma evidente distinção na maneira como o protagonista caracteriza Madalena, sua esposa, e Rosa, sua funcionária. Ao descrever Madalena, Paulo Honório utiliza apenas adjetivos que denotam as qualidades da mulher. Em contrapartida, ao retratar a empregada de sua fazenda, o coronel faz uso de expressões que objetificam e rebaixam a figura feminina. Nesse sentido, é possível analisar tal ideia de acordo com o ditado popular da época colonial destacado por Freyre (2005) em *Casa-grande e senzala*. Na obra, o sociólogo relata que as funções das mulheres em uma sociedade patriarcal se dividiam em “branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar.” (FREYRE, 2005, p. 72). Por analogia, Rosa pode se enquadrar em duas das acepções sinalizadas por Freyre: como mulata, no sentido de corpo sexualmente desfrutável já que a personagem mantém um caso com o patrão, e como negra, expressando a ideia da “máquina muscular” enfatizada por Candido (2006), ou seja, a Rosa que trabalha incansavelmente nas terras de São Bernardo.

A reprodução parcial, por parte de Rosa, do ditado destacado por Freyre (2005) fica patente ao fim da narrativa quando Paulo Honório descreve que “Rosa com a barriga quebrada de tanto parir, trabalha em casa, trabalha no campo e trabalha na cama.” (RAMOS, 2007, p.220). Desse modo, é possível relacionar os encargos da personagem aos de uma escrava, pois tanto uma quanto outra não possuíam direito a ter vontade própria, além de estarem sujeitadas a um meio que as condiciona a submissão ao homem detentor do poder, no caso de Rosa ao seu patrão, que une à sua índole capitalista aquelas do senhor escravocrata.

Ainda nessa perspectiva, ao longo do romance de Graciliano Ramos é notável as inúmeras descrições pejorativas que Paulo Honório faz de sua empregada. Tal afirmação pode ser verificada na seguinte passagem:

Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. (RAMOS, 2017, p. 67).

Em face do exposto acima, Paulo Honório deixa perceptível que suas relações com mulheres, consideradas inferiores por ele, visam unicamente a obtenção de prazer. Em outras palavras, sob a ótica do fazendeiro, Rosa é vista apenas como um objeto sexual. Nesse sentido, não fica claro no romance se a personagem se opõe ao relacionamento amoroso que o patrão mantém com ela. Todavia, o que fica evidente é que a mulher não possuía alternativas senão ceder às vontades do protagonista, pois na sociedade ainda patriarcal em que a narrativa se passa, o homem que detém o poder é soberano e seus anseios são irrefutáveis.

Além disso, em *S. Bernardo*, Paulo Honório se autoproclama “o iniciador de uma família” (RAMOS, 2017, p. 16), o que faz com que o leitor possa interpreta-lo como um pai para todos aqueles que dele tiram o sustento, incluindo nisso seus empregados. Dessa forma, o relacionamento amoroso entre o fazendeiro e Rosa, segundo Lima (2017, p. 110):

[...] inscreve-se no âmbito do incesto, porque no lugar de fazer o papel de pai protetor contra o assédio sexual que pode vitimar a empregada (aqui vista como filha), o próprio fazendeiro deseja e possui a empregada, talvez até tendo filhos com ela [...].

Tal entendimento aproxima novamente a personagem de Graciliano Ramos à situação vivenciada por uma escrava. Sobretudo, pelo fato de Rosa não possuir opções diante das vontades incontestáveis de seu patrão. Tal fator contribui para que ela seja vítima de uma violência que não pode ser facilmente percebida, mas que existe. Este tipo de violência não claramente perceptível é denominada por Pierre Bordieu de violência simbólica, ou seja, trata-se de:

[...] uma violência “invisível”, adotada por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se constitui em um vínculo de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado natural em que a realidade se apresenta. (SILVA; OLIVEIRA, 2017, p. 161).

Precisamente, tal violência vitimiza a empregada de Paulo Honório, pois, apesar de não sofrer agressões físicas, Rosa é oprimida constantemente. Isto é, em uma sociedade que ainda se baseia em costumes patriarcais, o coronel domina-a como faz com aqueles que se encontram à sua volta, sobretudo, os mais desvalidos. Estes, segundo Reis (1987), não possuem voz perante os mais afortunados. Desse modo, é possível atestar que o relacionamento amoroso entre o protagonista de *S. Bernardo* e Rosa ocorre no território da violência simbólica. Afinal de contas, nesse cenário, a mulher não tinha direito à escolha, sendo o homem o único ser livre para decidir sobre aquilo que melhor lhe convinha.

MARCIANO

Em *S. Bernardo*, Marciano, empregado de Paulo Honório e marido de Rosa, também é vítima de abusos e violações por parte do fazendeiro. Entretanto, ao contrário da violência simbólica sofrida pela esposa do trabalhador, Marciano se encontra em uma situação ainda pior, pois além das constantes humilhações a que é submetido, o funcionário também é agredido fisicamente pelo protagonista do romance. Somam-se a isso as contínuas situações em que o personagem é desumanizado por Paulo Honório, que o trata tal qual um animal:

– Manda-me cá o Marciano, aquele cachorro. Até logo, vou ver.

À noite reuni Marciano e Padilha na sala de jantar, berrei um sermão comprido para demonstrar que eu que trabalhava para eles. Mas atralhei-me e contentei-me com injúria-los.

– Mal-agraçados, estúpidos.

[...]

Marciano encolhia-se, levanta os ombros e intentava meter a cabeça dentro do corpo. Parecia um cágado. (RAMOS, 2017, p.69).

À vista disso, fica evidente que, ao se referir a Marciano, Paulo Honório utiliza adjetivos que equiparam o homem a um animal. Ou seja, segundo a ótica do fazendeiro, o trabalhador não pode ser considerado um ser humano e, acaba posto no mesmo patamar de um bicho. Nesse viés de zoomorfização do ser humano, ao analisar o romance de Azevedo, *O cortiço* (1890), Candido (1974) enfatiza o conceito de animalidade social, que se enquadra perfeitamente na análise do empregado de Paulo Honório. Segundo Candido (1974), a animalidade social:

[...] exprime a alienação do trabalhador que, ao vender sua força de trabalho, vê reduzida uma parcela de sua humanidade, enquanto aumenta sua parcela de animalidade, na medida em que é nivelado a uma máquina muscular. (CANDIDO, 1974, p. 792).

A partir deste conceito apontado por Candido (1974), é possível constatar que a relação entre Paulo Honório e Marciano também se baseia em princípios de animalização de uma pessoa pela outra, restabelecendo a mentalidade senhorial que considerava o escravo não só coisa, força motriz, mas sobretudo um ser sem humanidade. Para o fazendeiro, Marciano não passa de uma “máquina muscular”, que precisa trabalhar incansavelmente para gerar lucros além de precisar se assujeitar a seus mandos e desmandos. Tal tratamento em muito se assemelha ao que era dado aos escravos antes da abolição.

Nesse sentido, Paulo Honório estabelece a relação entre patrão e empregado com base no abuso de poder. A sujeição de Marciano, a violência que sofre, possibilita perceber que ele se enquadra perfeitamente na ideia de Souza (2017) sobre aquilo que ele intitula “ralé”. Ao abordar a submissão dos menos favorecidos diante dos detentores de poder, o sociólogo afirma que, para que haja a manutenção de tal subjugação daquele que é pobre e oprimido “Se possível, deve-se humilhá-lo, enganá-lo, desumanizá-lo, maltratá-lo e mata-lo cotidianamente.

Era isso que se fazia com o escravo e é exatamente a mesma coisa que se faz com a ralé de novos escravos hoje em dia.” (SOUZA, 2017, p. 97). Boa parte do que está relacionado por Souza pode ser detectado em Marciano, pois ele é humilhado, agredido e desumanizado constantemente pelo fazendeiro.

Seguindo essa mesma lógica, para manter os trabalhadores da fazenda de São Bernardo submissos, Paulo Honório utiliza da violência física para reiterar sua posição de patriarca que, teoricamente, possuiria todo e qualquer direito sobre aqueles que ele acredita serem suas posses. Tal ideia pode ser averiguada na seguinte passagem em que Marciano parece rebelar-se contra seu patrão:

– Ainda agorinha os cochos estavam cheios. Nunca vi gado comer tanto. E ninguém aguenta mais viver nessa terra. Não se descansa.

Era verdade, mas nenhum morador me havia ainda falado de semelhante modo.

– Você está se fazendo de besta, seu corno?

Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozzo, bambeando, recebeu mais cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu de cabeça baixa, troncando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue. (RAMOS, 2017, p. 126-127).

De acordo com o trecho acima, fica patente que o fazendeiro utiliza da força bruta para oprimir aqueles o que desafiam. Ademais, o que fica explícito no trecho anterior é a incapacidade de reagir que Marciano tem diante do espancamento a que é submetido. Isso ocorre, pois o empregado interiorizou a submissão ao mais forte, isto é, ele guarda semelhanças com os escravos de outrora que viviam “[...] acorrentados [...] nas causas naturais de servidão – a fraqueza, a covardia, o medo, a devoção ao senhor ou a simples incapacidade de tomar uma decisão autônoma.” (XAVIER, 1993, p. 104-105). Diante destes fatos, fica evidente que tanto Marciano quanto Rosa se encontravam em uma situação na qual a desimportância social não lhes permitiam ter forças para fazerem oposição às injustiças que os dois sofrem.

Desse modo, é perceptível a enorme semelhança existente entre a relação de poder estabelecida entre Paulo Honório e Marciano, com práticas que, infelizmente, ainda são corriqueiras em nossa sociedade, sobretudo no que diz respeito às relações entre patrão e empregado. Nesse sentido, novamente é possível identificar a verossimilhança no romance de Graciliano Ramos com uma sociedade que não abandona o ranço escravocrata. É justamente esta lógica que Reis (1987), ao analisar *S. Bernardo*, aponta:

[...] as relações entre os personagens reproduzem [...] relações sociais. Fica sugerido, pela análise dos textos literários por mim encetada, que o processo social brasileiro se dá, e morosamente, na base um tanto ou quanto superficiais, ao passo que, nos alicerces mais fundos, as estruturas permanecem intactas e inalteradas em suas configurações mais essenciais. (REIS, 1987, p. 120).

Em outras palavras, as personagens selecionadas para o estudo de *S. Bernardo* endossam relações sociais conturbadas, retratando certa realidade da sociedade

brasileira, entre as décadas de 1920 e 1930, num universo oscilante entre as práticas capitalistas e as do mundo já extinto da escravidão. Dessa forma, o escritor vale-se do texto ficcional para criticar aquilo que ocorria, dando voz – ainda que filtrada pelo narrador protagonista – àqueles que viveram calados e espezinhados pelos que detêm as rédeas do poder.

CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto ao longo do presente artigo, é possível concluir que a relação entre patrão e empregado em *S. Bernardo* é, na verdade, a relação entre dominador e dominado. Nesta relação em que a balança pende sempre para o mais poderoso, o protagonista do romance abusa de sua posição social em inúmeros episódios violentando física e simbolicamente Rosa e Marciano.

No que diz respeito a Rosa, a personagem só é conhecida pelo leitor por meio da ótica patriarcalista utilizada pelo protagonista do romance, correspondendo ao que Reis (1987) observa sobre a falta de voz dos menos afortunados na sociedade. Além disso, é recorrente ao longo da narrativa o uso de adjetivos pejorativos por parte de Paulo Honório para caracterizar a esposa de Marciano, o que evidencia a aversão que o fazendeiro sente por aqueles que ele julga inferiores. Tais fatores contribuem para que a trabalhadora seja equiparada a uma escrava, já que Rosa vive sob forte tensão da violência simbólica a ponto de não se permitir a contestação das vontades e mandos de seu patrão. Tais práticas acabam sendo muito semelhantes àquelas que muitos senhores faziam com suas escravas.

Diferentemente da esposa, Marciano sofre agressões físicas e constantes humilhações por parte do dono das terras de São Bernardo. Tais abusos de poder servem para mantê-lo oprimido e amedrontado diante do poder incontestável de Paulo Honório. Além disso, com frequência o empregado é comparado pelo patrão a animais, o que corrobora a ideia de que o fazendeiro não o enxerga como um homem, mas sim como um ser zoomorfo. Desse modo, fica evidente que o companheiro de Rosa é tratado por Paulo Honório quase nos mesmos moldes que um escravo era tratado.

Esta relação entre Paulo Honório e o casal de empregados permite concluir que há um vínculo entre eles pautado por valores capitalistas e outro baseado em valores escravocratas. Sendo que em ambas, aquele que é detentor do poder subjuga os mais desafortunados. Dessa maneira, nos moldes de quase servidão vivida pelo casal do romance, as práticas de exploração dos trabalhadores promovidas por Paulo Honório extrapolam o que é lícito na ordem capitalista e vinculam-se ao sistema de trabalho da escravidão que erigiu a sociedade patriarcal dos séculos anteriores. Aquilo que se percebe, enfim, é que o escritor buscou, por meio do texto ficcional, criticar os abusos de poder cometidos pelo coronel, além de salientar os atrasos presentes no meio social brasileiro da época.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao CNPq e a UTFPR, que financiaram a bolsa que permitiu que o presente trabalho pudesse ser realizado. Além disso, sou grata ao meu orientador, Marcos Hidemi de Lima, que ao longo desse ano em muito me auxiliou na escrita do presente artigo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. A passagem do dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária. **Revista de História**, USP, São Paulo, v. 50, n. 100, p. 787-800. 1974. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132672>. Acesso em: 31 mai. 2020.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.

LAFETÁ, J. L. O mundo à revelia. In Ramos, Graciliano. **S. Bernardo**. 24. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins, 1975, p. 173-197.

LIMA, M. H. **Os desvãos da ordem patriarcal**. Londrina: Eduel, 2017.

RAMOS, G. **S. Bernardo**. 99. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

REIS, R. **A permanência do círculo**: hierarquia no romance brasileiro. Niterói, EDUFF; Brasília: INL, 1987.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

SILVA, L. F.; OLIVEIRA, L. O papel da violência simbólica na sociedade por Pierre Bourdieu. **Revista FSA**, Teresina, v. 14, n. 9, p. 160-174, mai./jun. 2017. Disponível em: <http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1342/1249>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SOUZA, J. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

XAVIER, T. M. **Verso e reverso no romance de Machado de Assis**. Viçosa: UFV, 1994.